

Winnicott, leitor de Freud: uma redescoberta teórica

Eder Soares Santos

Universidade Estadual de Londrina

No livro de Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento* (1989), entre muitas coisas que ali aprendemos, ele diz que o que lhe interessa é saber como manejar a obra de Freud, pois somos instados a ter que assumir certa atitude frente a certos textos e conceitos de Freud (Monzani, 1989, p. 12). E, em geral, acabamos caindo num certo dualismo estéril de ter de decidir entre ruptura ou bloco monolítico na psicanálise freudiana (idem, p. 13). Monzani, com efeito, sabiamente nos adverte que, no caso da obra de Freud, “assistimos é um *desenvolvimento* até um estágio final onde nem tudo é mantido, mas também nem tudo negado” (idem, p. 14).

Disto derivam-se três posturas ou posições: P1= leitura do bloco monolítico; P2= leitura da ruptura e P3= leitura do nem tudo é mantido, mas também nem tudo é negado. Gostaria de transpor essas posições metodológicas de leitura para a relação Winnicott-Freud e ver o que acontece.

De saída, seguindo as orientações de Monzani, devemos descartar as opções P1 e P2 porque elas levariam a um debate estéril. Não vou pôr em questão se isso é fato ou não, apenas vou continuar o exercício metodológico para tirar as consequências no final. Assim, dizer que Winnicott assume totalmente as teses de Freud (bloco monolítico) ou dizer que ele teria rompido integralmente com elas não ajudaria a esclarecer a relação entre os dois.

O que sobra, então, é P3. Como a obra de Winnicott é bastante extensa e não se articula com a mesma sistematicidade que a obra de Freud, torna-se difícil para o leitor saber que tipo de relação Winnicott tem com Freud, podendo ficar com as mais diversas impressões. Porém, creio que no seu livro *Natureza humana* nós temos um bom exemplo de como, no mais das vezes, Winnicott está lendo Freud, e a análise que vou propor aqui poderia ser expandida para outros textos.

Proponho que o livro *Natureza humana* seja lido em dois diferentes sentidos, ou dois movimentos, para usar uma terminologia mais *à la* Monzani: um decrescente e um crescente. O movimento decrescente seria a leitura mais regular e comum que vai da introdução até o capítulo I da parte IV. A leitura em movimento crescente faz o caminho oposto. O efeito imediato que se tem é o de aproximação e distanciamento de Winnicott em relação à psicanálise

de Freud. Porém, algo mais parece ocorrer, exigindo uma compreensão tanto das consequências hermenêuticas como das heurísticas da obra, e por isso, em se persistindo a opção 3 – nem tudo é mantido, mas também nem tudo negado – há que se admitir algumas implicações.

Antes de avançar sobre este ponto, permitam-me mostrar brevemente alguns exemplos no próprio texto de *Natureza humana* desses dois movimentos.

Movimento decrescente.

Como se sabe, o livro não começa tratando diretamente de psicanálise. Está interessado em falar sobre nós mesmos enquanto seres humanos, que, como parte da natureza, somos uma amostra no tempo. Freud aparece bem mais à frente, na parte II, quando Winnicott começa a tratar dos relacionamentos interpessoais. Seu movimento aqui parece ser de aproximação, pois ele diz que suas “ideias decorrem quase que inteiramente de Freud ou dos que vêm aplicando o seu método, que ele [Freud] denominou Psicanálise” (Winnicott, 1988, p. 36).

Seu reconhecimento ao trabalho de Freud continua:

Freud fez por nós toda a parte desagradável do trabalho apontando para a realidade e a força do inconsciente, chegando à dor, à angústia e ao conflito que invariavelmente se encontram na raiz da formação de sintomas, anunciando publicamente, de forma arrogante se necessário, a importância do instinto [*instinct*] e o caráter significativo da sexualidade infantil. (idem p. 36)

À primeira vista, nesta leitura que chamo aqui de decrescente, também parece haver uma aproximação e concordância com o complexo de Édipo. Winnicott diz: “o termo ‘complexo de Édipo’ possui um valor econômico na descrição da primeira relação interpessoal em que os instintos estão em vigor” (idem, p. 49).

Porém, nesse mesmo capítulo II, embora Winnicott esteja lidando com conceitos de direito plenamente freudianos, como id, ego, superego e complexo de Édipo, seu movimento de distanciamento já começa a se delinear por meio da introdução de outros conceitos que não fazem parte do vocabulário da teoria de Freud, como elaboração imaginativa da função, estados tranquilos e excitados, pessoa total.

Da parte II em diante, vê-se a introdução de novos conceitos e pressupostos utilizados para explicar as fases mais iniciais do desenvolvimento das crianças e bebês e uma total não mais necessidade de se recorrer à psicanálise de Freud para desenvolver seus argumentos.

Dito muito brevemente, da perspectiva da leitura crescente, o que se tem é o seguinte.

Nascimento é o fenômeno que dá início à jornada do existente *entre* nascer e morrer. Poder existir depende de realizar certas conquistas. A não ser pelo potencial herdado, que é nossa própria tendência a amadurecer e a nos integrarmos, possibilitados por um ambiente

facilitador, todo o resto precisa ser conquistado. Nada está dado de antemão. As conquistas só podem acontecer com a ajuda de alguém que se devota a cuidar desse existente recém-nascido. Mesmo os genes sozinhos não dão conta de nos tornar o que somos, pessoas, se não houver um cuidado devotado no início (Winnicott, 1986). Cada nascimento é sempre um novo início para se chegar-a-ser. Só se começa a ser sob a condição de dependência absoluta (Winnicott, [1965m] 1996).

Cuidar do outro é uma questão de necessidade. O lactente necessita de cuidados iniciais e provemos esse cuidado porque a urgência de existir nos solicita. Trata-se de uma adaptação à necessidade e não de satisfação de desejos. A solicitação demanda estar em relação.

O cuidado do início que capacita a se chegar-a-ser solicita que algumas tarefas sejam realizadas pelo cuidador, tais como segurar, sustentar e apresentar o mundo ao nascido em pequenas doses, permitindo que uma integração de si se desenvolva.

A integração só se torna possível se houver uma região na qual ela possa se realizar. Essa região é o ambiente facilitador. Esse não é um lugar de determinação espaciotemporal. Tem mais a ver com um “quem” e “como” do que com “quê”. No início, na fase de dependência absoluta, o ambiente e aquele que cuida (mãe ou mãe substituta) são uma e mesma coisa: um bebê não existe sozinho (Winnicott, [1952a]1978, p, 208), existir pressupõe, desde o início, relação entre duas pessoas, tendo o cuidado como base. Ao começar a se relacionar com o seio da mãe, o bebê também começa sua relação com o ambiente, cuja função é facilitar que o bebê possa continuar-a-ser sem sofrer interrupções. Essa facilitação permite que sua existência se mantenha sempre contínua e isso implica que o ser que ali está surgindo possa temporalizar-se. A temporalização do existente torna-se possível graças à sustentação que o ambiente facilitador provê de forma contínua sem intrusões excessivas.

O que existe antes da integração do existente como uma existência não é o caos. Caos pressupõe que havia antes alguma integração, que passou a estar perturbada ou destruída e dela se gerou uma desorganização caótica. Antes da integração existe a não-integração. Para a grande maioria que pode contar com os cuidados de um ambiente facilitador, a integração é um processo lento e contínuo, que se firma nos meses iniciais após o nascimento e segue se constituindo nos primeiros anos da infância. Poder se firmar não significa garantia eterna do que foi integrado. Um colapso psicossomático, por exemplo, pode colocar a existência novamente em questão. Outros podem não ter tido a mesma sorte e ter sofrido algum tipo de quebra na sua continuidade-de-ser no início, passando a vida inteira em busca de se integrar e ser uma unidade (Winnicott, 1988, p.116 sg.).

Não vou me demorar e desdobrar todos os desenvolvimentos que Winnicott traz com a integração. Apenas acentuo que, para ele, saúde não é sinônimo de privação. Uma pessoa é saudável quando consegue viver de acordo com as fases do seu desenvolvimento emocional. Assim, espera-se que no início uma criança seja totalmente dependente dos cuidados que lhes são providos. Bem como espera-se que, depois que tenha realizado várias conquistas rumo a poder dizer “Eu Sou”, ela comece a ser mais independente e a lidar com as consequências de suas ações. Por fim, espera-se que essa criança se torne um adulto maduro capaz de assumir responsabilidade na sociedade e que possa existir em conjunto com indivíduos igualmente maduros e tolerar e cuidar, quando necessário, dos indivíduos não maduros. Dessa forma, não se espera que um adulto viva em um estado de dependência absoluta ou relativa. Se isso ocorre, pode-se dizer que ele está doente. Porém, paradoxalmente, pode acontecer de, num momento do trabalho de análise, o paciente precisar regredir a um estado de dependência absoluta ou relativa, e, nessa situação específica do tratamento, não se pode dizer que ele esteja doente e sim que, talvez pela primeira vez, tenha começado a ficar saudável. Pois poderia fazer parte de sua doença justamente transparecer uma maturidade que se constituiu falsamente.

É assim, nesse movimento que vai num crescendo – da dependência absoluta para uma independência relativa – que vemos Winnicott dizer que:

Acredito que alguma coisa se perde quando o termo ‘complexo de Édipo’ é aplicado às etapas anteriores, em que só estão envolvidas duas pessoas, e a terceira pessoas ou o objeto parcial está internalizado, é um fenômeno da realidade interna. Não posso ver nenhum valor na utilização do termo ‘complexo de Édipo’ quando um ou mais de um dos três que formam o triângulo é um objeto parcial. (Winnicott, 1988, p. 44)

Desdobrando esse modo de ler Winnicott lendo Freud, podemos destacar, a partir da posição 3, três consequências. A primeira, e mais evidente, a partir do livro *Natureza humana*, é que se percebe um movimento de aproximação e distanciamento de Winnicott em relação a Freud. Por um lado, aproximação no que se refere a manter a parte descritiva da psicanálise freudiana e reconhecimento do papel fundador que Freud e a psicanálise tiveram na abertura de todo um novo campo de investigação, e, por outro, distanciamento em relação à maneira metapsicológica de se esclarecer/solucionar os fatos clínicos, havendo aí a necessidade de se rerepresentar a *natureza humana* no viés psicanalítico por outros termos.

Como segunda consequência, apontamos que a leitura em movimento decrescente (do começo para o fim) e em seguida crescente (do fim para o começo) do livro *Natureza humana* nos expõe diretamente aos efeitos do círculo hermenêutico. E isso significa dizer, de forma

bastante simples, que o todo deve ser entendido a partir do individual e o individual desde o todo. Por isso, ao se ler *Natureza humana* a partir de suas partes, tem-se não só a impressão de que Winnicott está próximo à psicanálise de Freud como não há mesmo grandes novidades sendo acrescentadas à teoria psicanalítica. Porém, no conjunto, o todo está sendo inteiramente ressignificado e a teoria psicanalítica tradicional está sendo redescrita, o que se percebe melhor quando se lê o livro no movimento crescente.

Partindo de um belíssimo texto de Elsa Dias, publicado no livro *Winnicott e a filosofia* (2021), intitulado “O vocabulário da revolução winnicottiana”, no todo o que está acontecendo é o seguinte:

a) o objeto passa a ser a natureza humana e não mais o psiquismo humano, concebido como um aparelho psíquico;

b) o interesse recai sobre o desenvolvimento emocional da pessoa humana, como alguém que é e precisa continuar sendo, e não, apenas e parcialmente, das funções sexuais;

c) concebe-se a jornada da vida como um processo que vai da dependência à independência, salientando a concepção do ser humano como essencialmente relacional;

d) entende-se a positividade da vida como uma conquista, sobre o fundo da negatividade do não-ser, da qual o ser emerge, e da solidão essencial, que só em parte será ultrapassada;

e) destaca-se a importância crucial do ambiente na constituição e desenvolvimento do indivíduo humano ao longo da vida;

f) dedica-se atenção não à dinâmica pulsional, intrapsíquica, mas à história real das relações de um indivíduo com seu meio ambiente, desde o absoluto início;

g) ressalta-se a ideia de amadurecimento pessoal – e não apenas instintual –, o qual, mesmo sendo uma tendência, requer facilitação ambiental para realizar-se e permanecer em andamento até a morte do indivíduo; com isso, nenhum fenômeno humano pode ser devidamente apreciado a não ser relativamente ao estágio ao qual está referido;

h) tira-se todas as consequências – teóricas e clínicas – do fato de que, no início da vida, todo indivíduo é altamente imaturo e dependente de forma absoluta dos cuidados ambientais;

i) examina-se em detalhe a infância mais primitiva (*infans* = sem fala), ou seja, todo o período pré-verbal e pré-representacional, que precede e pavimenta a conquista da integração num eu;

j) baseia-se na ideia de que a integração num eu não é dada, mas é uma conquista, examina-se as bases desse processo, ou seja, pesquisa-se a pré-história do indivíduo e as condições ambientais que favorecem, ou não, o processo; conclui-se que podem haver indivíduos que não chegam a integrar-se num eu (DIAS, 2021, p. 41 sg.).

Como consequência adicional, ao invés de se ter um Winnicott freudiano passa-se a ter um Freud que se torna winnicottiano nessa obra. Winnicott mesmo diz: “[...] não me é possível deixar de fazer uma explanação em minha própria linguagem [...]” (Winnicott, 1988, p. 36). Se expandíssemos isso para toda a obra winnicottiana e lêssemos Winnicott dos textos da década de 1930 à década de 1970 e depois, em retrospecto, de 1970 para os textos da década de 1930, teríamos uma ressignificação da compreensão de Freud em sua teoria do amadurecimento pessoal.

Por fim, qual a última consequência que podemos derivar da posição 3, da tese de leitura que retirei de Monzani, aplicada a Winnicott lendo Freud? Trata-se de uma consequência heurística ou, se se quiser, uma mudança no modo de resolução de problemas.

Desde muito cedo, Winnicott desconfiava que havia algo de errado no modo de se resolver os problemas clínicos na psicanálise, em que tudo tinha que passar pela inevitabilidade do complexo de Édipo (Winnicott, [1962] 1996, p. 172).

Isso nos coloca no centro da discussão sobre a mudança de paradigmas – discussão que não vou desenvolver aqui. Pois, por um lado, revela como as comunidades e sociedades científicas se comportam em relação aos seus paradigmas quando realizam algo como ciência normal, ou seja, os novos membros precisam aprender o paradigma vigente e devem resolver os problemas apresentados de acordo com as regras de resolução desse modelo (Kuhn, 2005). Porém, por outro lado, também revela que no desenvolvimento de uma ciência normal, anomalias surgem e que estas nem sempre conseguem ser bem acomodadas dentro do paradigma vigente. As situações clínicas que Winnicott parecia enfrentar desde cedo apontam para essa situação.

Thomas Kuhn vem bem ao caso aqui para pensarmos a última das consequências da posição 3, porque quando ocorre uma mudança de paradigmas, igualmente, nem tudo é mantido e nem tudo é perdido. A ideia é que o outro paradigma possa ser mais abrangente na resolução de novos problemas e que possa assimilar em sua matriz disciplinar os problemas do paradigma anterior. E é nesse sentido que Kuhn diz que “não tenho dúvidas, por exemplo, de que a mecânica de Newton aperfeiçoou a de Aristóteles e de que a mecânica de Einstein aperfeiçoou a de Newton enquanto instrumento para a resolução de quebra-cabeças” (Kuhn, 2005, p.256).

Em suma, parece bastante consequente utilizar a tese de Monzani de ler o “movimento de um pensamento” de um pensador quando aplicada à leitura de um autor lendo outro, como no nosso caso de ler Winnicott lendo Freud. O resultado é uma redescrição da psicanálise em que seus problemas são colocados e solucionados a partir de uma nova compreensão das

questões humanas. Nem tudo é mantido e nem tudo é perdido, mas, certamente, muita coisa mudou.

Referências

- Dias, E. O. (2021). O vocabulário da revolução winnicottiana. In C. V. Ribeiro e E. S. Santos, *Winnicott e a Filosofia*. (pp. 41-110). São Paulo: DWWeditorial.
- Kuhn, T. (2005). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Monzani, L. R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora Unicamp.
- Winnicott, D. W. (1962). A personal view of the kleinian contribution. In D. Winnicott, *The maturational process and the facilitating Environment*. Madison/Connecticut: International University Press, 1996.
- Winnicott, D. W. (1988). *Human nature*. New York: Brunner/Mazel.
- Winnicott, D. W. (1952). Angústia associada à insegurança. In D. Winnicott, *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1978.
- Winnicott, D. W. (1960). Ego distortion in terms of true and false self. In D. Winnicott, *The maturational processes and the facilitating environment*. Madison/Connecticut: International University Press, 1996.
- Winnicott, D. W. (1986). *Home is where we start from*. New York/London: W. W. Norton & Company.